

Apátridas e estrangeiros da alma*

Joëlle Rouchou

O UNIVERSO DOS DESLOCADOS, não somente utilizado no sentido dos sem-estado na filosofia de Hannah Arendt – incluindo os sem-papéis, refugiados de seus países, exilados de seus pais, pares e amigos, alheios a todo tipo de território desde o sentimental quanto o das memórias, estrangeiros em si –, é a matéria-prima que o escritor Antonio Muñoz Molina escolheu para contar – e por que não cantar? – em *Sefarad*¹, seu último livro.

É uma obra de quase 500 vertiginosas páginas, com estilo seco, impecável, sugerindo emoções muito fortes e surpresas a cada capítulo. Ao todo são 17 histórias de testemunhos e um pouco de autobiografia tendo como pano de fundo os últimos 50 anos do século XX. São vários romances, fortes, com mais de 17 narradores. O narrador benjaminiano cede lugar a vários narradores dentro da mesma narrativa.

Cada história é um momento-limite nas vidas dos personagens criados, ouvidos ou vividos por Molina. Uma mistura de real e fantástico. O leitor consegue atravessar prazerosamente todos os relatos com a melancolia necessária que Molina impõe, sem perder a ternura. E com vontade de ouvir mais.

Ao final do livro o autor generosamente conta em sua "Nota de leitura" que inventou "muito pouco nas histórias e nas vozes que se cruzam neste livro". "Algumas, ouvi contar e estavam há tempos em minha memória. Outras, encontrei-as nos livros". Cita os livros, as cartas e uma bibliografia de sobreviventes de campos de concentração e de prisões stalinistas.

* Resenha do livro *Serafad*, de Antonio Muñoz Molina, publicado no Portal Literal em 25.08.2003.

¹ Companhia das Letras, Tradução de Rosa Freire D'Aguiar, 488 p.

O título *Sefarad* refere-se à Espanha da época de ouro onde cristãos, judeus e muçulmanos viviam pacificamente até a expulsão dos dois últimos povos, que migraram pela bacia do Mediterrâneo desde o norte da África ao sul de França, Itália, Grécia, Turquia, fugindo da Inquisição. Os judeus sefaraditas – os que vieram da Espanha e espalharam-se pelo Norte da África - até hoje mantêm um dialeto, o ladino, que mistura hebraico e espanhol, com canções litúrgicas e delicadas canções de ninar. Sefarad é um paraíso perdido no inconsciente, uma metáfora do exílio, para onde se quer voltar, como um útero inalcançável que garante carinho, proteção e felicidade.

Os personagens do romance buscam essa terra, alguns sobrevivem e conseguem manter nichos de afeto, calor e alívio num canto de suas memórias, cantinhos solitários, permitindo acesso apenas aos novos leitores, ouvidos ávidos de Sefarad. A classificação romance não me parece a mais apropriada. Nem mesmo romance de romances como a crítica espanhola o rotulou. Também não é um ensaio, nem testemunhos, sequer reportagens com histórias de vida. Pode ser um diálogo com desvalidos, relatos densos e impactantes. Ou pode ser lido como um monólogo do autor, em que todas as vozes recolhidas externamente são misturadas às suas vozes interiores, travando uma reflexão sobre momentos de exílios internos, o último passo antes da morte, a chama do único amor já perdido, de um século rasgado por bombas, fustigado pela intolerância.

A costura dos textos é alinhavada por títulos brilhantemente escolhidos que provocam uma curiosidade que só é saciada na última linha de cada um. Em todos sente-se uma obsessão em não esquecer o sofrimento, a dor dos inocentes conhecidos – como Primo Levi, Kafka e Margarete Buber-Neumann – e anônimos arrancados de suas casas diretamente para comboios rumo a fornos crematórios, a deportações na Sibéria, a conventos, a leitos terminais de hospitais.

O novo narrador espanhol é o mais jovem membro da Real Academia de Letras, eleito em 1996, aos 40 anos e ganhou o prêmio Femina para estrangeiros, em 1998, por seu romance *Lua cheia* (Companhia das Letras). Em 1999 publicou *Carlota Fainberg*.

Molina formou-se em História da Arte na Universidade de Granada e em Jornalismo na Universidade de Madri. Começou sua carreira literária escrevendo para jornais.

Como bom jornalista, sabe reconhecer uma boa história e ouve com toda atenção, registrando os detalhes de entonação e gestual de seu interlocutor para transcrever dramas vividos e sofridos com toda a emoção que lhe foi passada como verdadeiros presentes. Ele retribui com toda gratidão e com seu talento de contador.

As histórias de vida são os fios que vão tecendo os relatos de que trata *Sefarad*. Cantos tristes, de dor, de perdas humanas insubstituíveis que se esvaíram nas guerras da segunda metade do século XX. Esses personagens têm em comum o gosto amargo e triste do desamparo, da exclusão. Além de serem clandestinos de sua época. Viagens de trem são descritas em várias histórias como um cenário no qual várias possibilidades de enredos desenvolvem-se. Podem ser encontros furtivos, ou apenas um passageiro solitário ávido para contar um segredo somente confessável a um estranho num longo percurso pelas vias férreas européias. Vários personagens são viajantes. As histórias são contadas com todos os sentidos aguçados, que oferecem mais instrumentos para que o leitor mergulhe profundamente em cada trama.

São cheiros da casa da infância, da vegetação úmida, do gosto de uma comida específica, cores de amores. A melancolia, pessimismo e uma certa resignação também cruzam os relatos. Retornam Kafka, Primo Levi, aparecem Victor Klemperer, o herói da Resistência Jean Améry, Milena Jesenska, amor de Kafka, atravessam os caminhos percorridos por personagens banais, sinalizando que todos passaram pelos mesmos processos de exclusão, não importando as atuações como cientistas, pensadores ou escritores. Há uma certa democratização do mal, da angústia. De fato, qualquer cidadão pode vir a passar por situações de desespero se submetido a injustiças.

Um dos relatos, intitulado "Você é", que pode parecer uma conversa com o leitor, ou um debate íntimo do escritor, talvez seja uma síntese do livro: somos todos passíveis de ser isolados, apartados do mundo: "Você é quem olha sua normalidade perdida do outro lado do vidro que o separa dela, quem entre as frestas das tábuas de um vagão de

deportados olha as últimas casas da cidade que você acredita ser sua à qual nunca voltará." A narrativa dialoga com outra história, "Copenhague", a de uma francesa judia, que foge de seu país em 1940, retorna em 1944 e percebe que aquela pátria não é mais a dela, nem da sua mãe. A narradora é uma crítica literária respeitada, que, numa festa na Dinamarca em homenagem ao escritor, resolve abrir sua angústia e buscar uma identidade.

Outra forma de exílio é encontrada em "América", a saga da espanhola soror Maria del Gólgota – túnica marrom e touca preta, encerrada num convento contra sua vontade – registrada por seu amante secreto, o sapateiro da pequena vila. O tórrido romance da juventude é contado com detalhes pelo agora senhor idoso. As aventuras para os encontros noturnos, com a pressa dos amantes clandestinos. Ela queria liberdade. E ele?

O último relato, *Sefarad*, descreve uma longa viagem que começa na infância do autor na Espanha, um menino gordinho, solitário, bom aluno, excluído das brincadeiras com os outros meninos da escola. Fala na sua Espanha, cita as juderias – antigos bairros de judeus – que conheceu, narra seu encontro com um escritor judeu sefaradita, vai para a Alemanha e termina em Nova York, mais precisamente dentro de um museu do Harlem. Lá, o narrador/autor delicadamente remexe na história da arte e concentra-se na descrição de um quadro de desterro, um personagem anônimo, porém espanhol: "Retrato de niña", de Velázquez, de 1640. Encontra um pedaço de Sefarad nos olhos da menina que ninguém sabe o nome, uma espanhola, quem sabe sefaradita. O quadro também está distante no tempo e espaço de sua terra natal. Um retrato triste, um olhar longo e melancólico, como o exílio.